

# MULHERES, FUTEBOL E PRECONCEITOS DE GÊNERO E SEXUALIDADE NAS MÍDIAS SOCIAIS

## WOMEN, SOCCER, AND GENDER AND SEXUALITY PREJUDICES ON SOCIAL MEDIA

André Luiz dos Santos Silva<sup>1</sup>

Daniel Luciano Gevehr<sup>2</sup>

Martina Gonçalves Burch Costa<sup>3</sup>

Pedro Gabriel Silva de Almeida<sup>4</sup>

**Resumo:** O artigo analisa os comentários produzidos na página “ZH Esportes” no Facebook acerca do processo de estruturação e divulgação dos resultados dos jogos das equipes de futebol de mulheres vinculadas ao Sport Club Internacional e ao Grêmio Football Porto-alegrense. Em meio a críticas e incentivos, chacotas misóginas que usavam o futebol de mulheres para desqualificar o futebol de homens, bem como zombarias homofóbicas que, sequer citavam as atletas e o futebol por elas performado, colocaram em evidência um contexto de negligência e invisibilidade das mulheres, mesmo quando elas se constituíram como motivo central das reportagens publicadas.

**Palavras-chave:** Futebol de mulheres; Gênero; Mídia Social.

**Abstract:** The article analyzes the comments produced on the “ZH Esportes” Facebook page regarding the process of structuring and disseminating the results of the women’s soccer teams linked to Sport Club Internacional and Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense. Amidst criticisms and encouragement, misogynistic mockeries that used women’s soccer to disqualify men’s soccer, as well as homophobic jests that did not even mention the athletes and the soccer they performed, highlighted a context of negligence and invisibility of women, even when they were the central focus of the published reports.

**Keywords:** Women’s soccer; Gender; Social Media.



ESTE TRABALHO ESTÁ LICENCIADO COM UMA LICENÇA CREATIVE COMMONS - ATRIBUIÇÃO-NÃOCOMERCIAL 4.0 INTERNACIONAL.

1 Doutor em Ciência do Movimento Humano - Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS); Professor Adjunto – Universidade Federal do Rio Grande do Sul; Email: andrels@ufrgs.br; ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9838-2558>.

2 Doutor em História - Universidade do Vale do Rio dos Sinos; Professor Titular - Faculdades Integradas de Taquara; Email: danielgevehr@faccat.br; ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1815-4457>.

3 Mestre em Educação Física – Universidade Federal do Pelotas; E-mail: martinagbc1@gmail.com; ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7487-2026>.

4 Mestre em Desenvolvimento Regional - Faculdades Integradas de Taquara; Email: pedroalmeida@sou.faccat.br; ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1307-3316>.

## Introdução<sup>5</sup>

Em 1949, Simone de Beauvoir já havia escrito que não se nasce mulher. Em *O segundo sexo*, desafiava a ideia de destino natural feminino e da inevitabilidade dos papéis tradicionalmente atribuídos às mulheres e, mais, destacava o caráter cultural e, portanto, mutável nas definições de feminilidade (Pinsky, 2012, p.513-514).

Esse posicionamento permite uma reflexão sobre os lugares sociais e as representações construídas e difundidas sobre as mulheres ao longo do tempo. Pinsky (2012) discute precisamente sobre a mutabilidade das expectativas de gênero, fazendo com que se problematize sobre a necessidade de repensar representações e lugares construídos para as mulheres na história. É a partir dessa ideia que se inicia a discussão sobre a participação de meninas e mulheres no futebol e, principalmente, sobre a necessidade de se problematizar concepções ainda difundidas na sociedade e que se expressam por meio de diferentes formas como, por exemplo, os meios de comunicação e as mídias sociais.

Em meio aos escândalos causados pelas denúncias de corrupção nas realizações das Copas do Mundo de Futebol de homens, tanto da África do Sul, em 2010, como no Brasil, em 2014, houve uma movimentação da Federação Internacional de Futebol (FIFA) para implantar a igualdade de gênero no seu estatuto, um modo, segundo Almeida (2019), de colocar em pauta questões com potencial de debate público e afastar as discussões sobre corrupção que estavam em voga naquele momento<sup>6</sup>. Além disso, a realização da Copa do Mundo de Futebol de mulheres no Canadá, em 2015, também pode ter contribuído para que a entidade percebesse no esporte performedo por elas, um mercado lucrativo em potencial (Almeida, 2019).

Nesse cenário estabelecido em torno do futebol de mulheres, a FIFA, no ano de 2016, lançou uma política de ação global para a valorização da categoria. A partir dessa política, começaram a desencadear medidas para o

---

5 Seguindo as orientações da Resolução 510 de 2016 do Conselho Nacional de Saúde (Brasil, 2016) e da Lei 9.610 de 1998 que trata dos Direitos Autorais (Brasil, 1998), vale ressaltar que as informações disponíveis em diferentes espaços públicos - como é o caso das redes sociais - podem ser utilizadas livremente, considerando-se o uso responsável e com fins acadêmicos, estando dispensada a obrigatoriedade de tramitação do projeto de pesquisa no Comitê de Ética em Pesquisa (CEP).

6 As acusações questionam a licitude da venda dos ingressos, bem como a concessão de hospedagens dos países-sede da Copa do Mundo do futebol dos homens. Mais informações em: <https://copadomundo.uol.com.br/noticias/redacao/2014/07/07/escandalo-attinge-coracao-da-fifa-entenda-relacao-do-acusado-com-entidade.html>. Acesso em 07/06/2023. Ver também: [https://brasil.elpais.com/brasil/2015/06/02/deportes/1433263905\\_904828.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2015/06/02/deportes/1433263905_904828.html). Acesso em 08/06/2023.

avanço do esporte, as quais se materializaram em formas de licenças para as disputas das competições organizadas por entidades esportivas. Uma das quais foi realizada pela Confederação Sul-Americana de Futebol (CONMEBOL) que, por meio de uma mudança no seu regulamento ocorrida em 30 de setembro de 2016, exigiu que os clubes participantes de suas competições tivessem obrigatoriamente equipes de mulheres (Novais *et al.*, 2021; Fernandez, 2017). Sendo assim, Sport Club Internacional, Grêmio Football Porto-alegrense, Sport Club Corinthians Paulista, Sociedade Esportiva Palmeiras, entre outros clubes da elite do futebol brasileiro, começaram a formar seus times. Essa movimentação contribuiu para maior visibilidade das atletas de futebol, uma vez que as formações de equipes de competição e categorias de base destinadas especificamente às mulheres e às meninas passaram a ser noticiadas, gerando engajamento e debate público<sup>7</sup>.

Cabe ressaltar que, no contexto da implementação das medidas propostas pela Fifa e Conmebol, os meios de comunicação já operavam de uma maneira distinta. Com o avanço tecnológico das últimas décadas, os veículos digitais de informação e as redes sociais se sobrepuseram no que tange à velocidade de reprodução da notícia aos tradicionais meios informativos de propagação (jornais impressos, revistas impressas etc.).

Nesse contexto de profusão de redes sociais digitais, as mídias tradicionais criaram páginas eletrônicas em plataformas como *Facebook*, *Instagram*, *Twitter* etc., para publicar e fazer visível seus conteúdos. Por meio dessa inovação na criação/publicação de notícias, as postagens de veículos jornalísticos nas redes sociais se transformaram em arenas onde os/as leitores/as passaram a ter a possibilidade de se manifestar com registro público, sobre os conteúdos pautados pelos textos ali publicados.

No entanto, quando o futebol de mulheres é pauta nas páginas das mídias sociais, não raras vezes, as manifestações dos leitores colocam em relevo atravessamentos de gênero e sexualidade. Assim, considerando o contexto de implementação das equipes femininas de futebol nos grandes clubes, este artigo objetiva analisar, desde as categorias gênero e sexualidade, os modos pelos quais os leitores/as da página ZH Esporte (*Facebook*) se posicionaram

---

<sup>7</sup> No campo acadêmico, as produções sobre as mulheres no futebol aumentaram significativamente a partir daquele mesmo período (2015, 2016 e 2017). Em uma busca na base de dados Scielo, utilizando os descritores “futebol” e “mulheres”, foi possível identificar 40 artigos publicados desde 1999. O período compreendido entre 2016 e 2023 reúne aproximadamente 78% das publicações. Importante salientar que esse levantamento já foi previamente realizado por Pisani, no livro *As mulheres no universo do Futebol Feminino* (2022). Ademais, Dantas e Anjos (2022), no mesmo livro, analisam a produção de teses e dissertações produzidas entre (1980 e 2016) sobre a temática.

frente ao processo de estruturação e divulgação dos campeonatos e resultados dos jogos das equipes de futebol de mulheres vinculadas ao Sport Club Internacional e ao Grêmio Football Porto-alegrense<sup>8</sup>.

Metodologicamente, foram acessados os comentários referentes às reportagens publicadas na página da Zero Hora Esportes na rede social Facebook. Com aproximadamente 500.000 seguidores/as, em 2017, a ZH Esportes era a página de jornalismo esportivo que possuía maior número de seguidores/as no Rio Grande do Sul, ficando à frente de outros grupos de comunicação como: Correio do Povo (450 mil); Rádio Guaíba (205 mil); Rádio Grenal (124 mil) e TV Pampa (42 mil).

Assim, entre janeiro e outubro de 2017, a página ZH Esportes foi cuidadosamente acompanhada, identificando reportagens que tematizavam o futebol de mulheres das equipes do Grêmio e do “Inter”.

**Tabela 01:** Título das matérias publicadas

<i>Título das matérias publicadas</i>	<i>Data de Publicação</i>
lúria comandará futebol feminino no Grêmio: “Primeiro passo”	27/01/2017
Duda, diretora do novo futebol feminino do Inter, avisa: “Nossa peneira não terá limite de idade”	24/02/2017
Peneira para o futebol feminino do Inter leva 700 gurias ao CT de Alvorada	05/03/2017
Brasileirão feminino começará neste sábado: conheça 10 curiosidades dos times da competição	10/03/2017
Time feminino do Grêmio perde para o Vitória-PE e termina rebaixado	31/05/2017
Time feminino do Grêmio inicia pré-temporada com foco no Gauchão	06/07/2017
Inter estreia no Gauchão feminino diante do Estrela neste Domingo	12/08/2017

Fonte: Elaborada pelos/a autores/a.

Os comentários publicados a partir das matérias jornalísticas foram salvos por meio do recurso de “impressão de tela” do celular. Ao total, o grupo ZH publicou 9 reportagens e, em resposta a elas, foram postados 155 comentários. Entre eles, foram selecionados aqueles que colocavam em circulação atravessamentos de gênero e sexualidade; processo que identificou 59 manifestações dos/as seguidores/as da página.

<sup>8</sup> Para isso, é importante destacar que nosso interesse não se centrou na representação feita pela ZH Esportes sobre a modalidade esportiva, mas pelo modo como os leitores/as dessas reportagens se manifestaram em relação a publicação sobre o futebol de mulheres.

**Tabela 2:** Organização do material empírico

Categorias	Homens	Mulheres	Total de Comentários
Chacotas Homofóbicas	19 comentários	1 comentário	20 comentários
Chacotas Misóginas	13 comentários	1 comentário	14 comentários
Incentivos ao futebol de mulheres	8 comentários	4 comentários	12 comentários
Críticas ao futebol de mulheres	12 comentários	-	12 comentários
Comentário Lesbofóbico	1 comentários	-	1 comentário
Total por gênero	53	6	
Total geral	59		

Fonte: Elaborada pelos/a autores/a.

A análise do material empírico foi feita a partir das proposições de Yin (2016), que sugerem cinco fases para o processo da análise qualitativa: 1) Compilação; 2) Decomposição; 3) Recomposição dos dados; 4) Interpretação e 5) Conclusão. A primeira fase analítica compilou os comentários dos/as seguidores/as, formando uma base de dados organizada. A segunda etapa, decompôs os dados, utilizando como referência as categorias gênero e sexualidade. Já na terceira fase, os comentários foram agrupados a partir de recorrências temáticas. A quarta fase tomou como referência o resultado da etapa anterior e se estruturou por meio do processo da escrita do texto e da sustentação do argumento que o artigo defende. Mediante procedimento interpretativo da fase quatro, foi possível produzir algumas considerações e problematizações; processo identificado como a quinta etapa da análise dos dados.

Como sinalizado anteriormente, gênero e sexualidade se constituíram como conceitos dos quais todo o procedimento da pesquisa esteve apoiado. Enquanto categoria analítica, o entendimento de gênero neste artigo se aproxima dos pressupostos pós-estruturalistas que rejeitam radicalmente as explicações biológicas para as desigualdades sociais. Além disso, permitem-nos olhar um conjunto de relações e enxergar seus atravessamentos na organização do social e da cultura que, nas especificidades deste texto, tomam as assimetrias entre mulheres e homens no futebol como manifestações das desigualdades de gênero no esporte.

Esta compreensão advém de teóricas feministas como Joan Scott, Linda Nicholson e Judith Butler, para as quais gênero se constitui como categoria que permite compreender as relações sociais baseadas nos sentidos atribuídos aos corpos e seus binarismos pretensamente construídos como “naturais”. Assim, para Scott, (1995), gênero é uma forma primária de dar

significado às relações de poder. Ou seja, produz e significa os corpos por meio das teias de significações imbuídas na sua materialidade. Nicholson (1999) argumenta que os corpos são narrados e produzidos discursivamente e o sexo é entendido como accidental. Para a autora, o que menos importa são as arquiteturas dos corpos e o mais importante é o conjunto de significados que as produz<sup>9</sup>. Butler (2014) também problematiza a relação sexo-gênero ao afirmar que as diferenças corporais são percebidas somente em função de gênero. Para a autora, são as normas regulatórias empreendidas pelo gênero que produzem as marcas do sexo como elementos que importam.

Ao tomar o sexo como resultado de um processo de naturalização, este artigo assume o entendimento de que os corpos na nossa sociedade são constantemente narrados e produzidos como masculinos ou femininos, procedimento que envolve, como exemplo, práticas esportivas entendidas como capazes de masculinizar ou feminilizar sujeitos que a eles se vinculam.

Das capturas de telas tomadas como material empírico desta investigação, foi possível perceber, entre as manifestações dos/as seguidores/as da ZH Esportes, um intrincado processo que, por meio do deboche e da zombaria, invisibilizam as mulheres e atribuem às equipes masculinas de futebol, lugar de destaque, mesmo que por meio de manifestações homofóbicas<sup>10</sup>.

## 1 A Zero Hora Esportes e os comentários sobre o futebol de mulheres

Nos dias 24 de fevereiro e 5 de março de 2017, a ZH Esportes publicou em sua página do Facebook duas reportagens sobre a constituição da equipe feminina de futebol do Sport Club Internacional. Naquele momento, o clube organizava uma seletiva aberta às garotas que desejassem compor a equipe, etapa importante para formação do time que se prepararia para disputar o campeonato gaúcho e, mais tarde, outras competições nacionais.

9 Boa parte do argumento de Nicholson está apoiado na tese de Laqueur (2001), que historiciza as marcas corporais nomeadas como masculinas e femininas, colocando em evidência os processos de naturalização produzidos pelo gênero.

10 O conceito de homofobia é acionado neste estudo numa estreita aproximação com a categoria heterossexismo, entendida enquanto uma norma que atravessa diferentes instâncias da organização social. De acordo com Rios (2007, p. 33), “o heterossexismo manifesta-se em instituições culturais e organizações burocráticas, tais como a linguagem e o sistema jurídico”, produzindo um sistema de privilégios e prejuízos. A homofobia enquanto efeito do afastamento da norma heterossexista é marcada pela “restrição, quando não a supressão completa e arbitrária de direitos e de oportunidades, seja por razões jurídico-formais, seja pelo puro e simples exercício da força física bruta ou em virtude dos efeitos simbólicos das representações sociais” (Rios, 2007, p. 33).

**Figura 1-** Seleção será realizada no CT de Alvorada [...]



Fonte: Página da ZH Esportes no Facebook – 24/02/2017.

**Figura 2:** Peneira para o futebol feminino do Inter [...]



Fonte: Página da ZH Esportes no Facebook - 05/03/2017.

Em decorrência dessas duas publicações, foi possível identificar alguns comentários de incentivo ao futebol de mulheres, de saudação às “iniciativas” do Sport Clube Internacional, assim como de divulgação da oportunidade às atletas de futebol. Em 11 de março de 2017, um usuário da Rede Facebook publica o seguinte comentário:

Que seja [...] uma excelente oportunidade de surgimento de novos talentos para o futebol brasileiro. Que as meninas desempenhem bem o seu papel e que os clubes tenham esse compromisso de manter as mulheres em atividade. (Daniel P. 11/03/2017<sup>11</sup>).

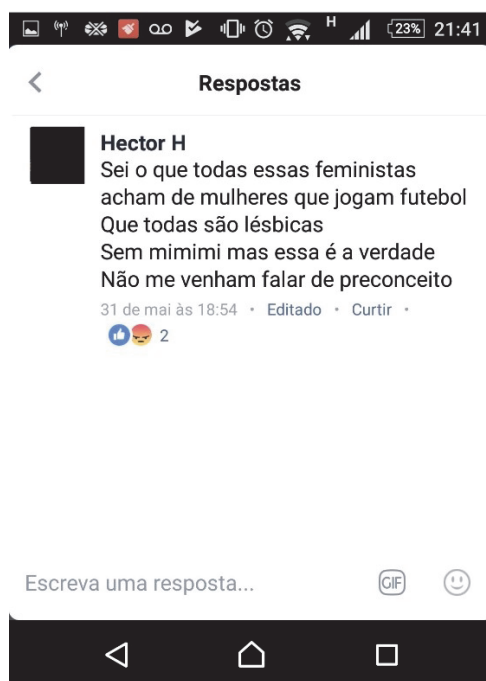
Em outro momento, outro usuário do Facebook aciona uma amiga de sua rede com o seguinte alerta: “Taciane D., tua chance, vai ser rica, fazer gol de bicicleta, voleio, humilhar as adversárias!” (Jefferson V., 25/02/2017).

Entre incentivos esparsos e a divulgação da seletiva, um conjunto de outras manifestações já evidenciavam o teor dos temas abordados pelos leitores da ZH Esportes no Facebook: o sexismo e a chacota baseada nas

11 Como cuidado ético de preservação do anonimato, foram suprimidos os sobrenomes dos/as autores/as dos comentários, assim como, foram tarjadas as fotos dos perfis das figuras utilizadas no artigo (figuras 3, 4, 5 e 6).

‘sexualidades dissonantes<sup>12</sup>’ (Silva, 2021; Camargo, 2016). Cabe ressaltar, entretanto, que a jocosidade manifestada nos comentários, em sua maioria, não se dirigia às atletas. Ainda que as mulheres do futebol tenham e ainda têm sofrido historicamente com a suspeita sobre suas sexualidades e seus corpos (Silva e Nazário, 2018; Goellner, 2005), os alvos das jocosidades homofóbicas eram os (ex) atletas homens e as torcidas de Grêmio e Inter. Do total de 155 comentários acessados, apenas o comentário de Hector H, datado de 31 de maio de 2017, colocou a Lesbofobia como pauta:

**Figura 3** – Comentário lesbofóbico



Fonte: Página da ZH Esportes no Facebook –31/05/2017.

Com escrita pouco precisa, o autor da manifestação parece não ter engajado outros/as seguidores/as da página. Até a data das capturas de tela (out de 2017), a menção lesbofóbica não havia recebido qualquer resposta, apenas uma reação em apoio por meio do “emoji” “curtir” e duas demonstrações de indignação por meio do “emoji” “Grr<sup>13</sup>”.

12 A dissonância se localiza entre o que é normativo e o que é considerado desvio da norma dentro de um vasto espectro de possibilidades de subversão e uma infinidade de manifestações e formas (Camargo, 2016). Na seção “Entre deboches e ironias homofóbicas, a invisibilização das mulheres atletas de futebol” deste artigo, a noção de dissonância será mais bem discutida.

13 De acordo com a própria rede social virtual, “Grr” é nomeado em inglês como *angry* que pode ser traduzido como raiva ou ira na língua portuguesa.



Se por um lado as chacotas homofóbicas não foram predominantemente destinadas a elas, por outro, as críticas à qualidade técnica e tática do futebol performedo pelas atletas do Inter<sup>14</sup> e do Grêmio se constituíram como muito mais recorrentes. Segundo os seguidores da página: “O mais impressionante são os níveis das goleiras. Cada jogo tem pelo menos um frango. Chutou alto perto do travessão é gol kkkk”, comenta Pedro B. (31/05/2017). Em outra passagem, o perfil nomeado como Gabriel W. argumenta “Não é ser machista, mas é torturante ver uma partida de futebol feminino. Olhem os erros de passes, falhas bizarras, frangos das goleiras etc. (31/05/2017).

Em contrapartida às críticas, outros/as leitores/as da página ZH Esportes se posicionaram. De forma direta e contundente, a seguidora Ely F. publica o seguinte comentário: “Se não tem nada melhor para opinar, fica de boca calada” (31/05/2017). Na sequência das manifestações, Matheus Z. aponta: Se tivesse mais incentivo teria mais qualidade (31/05/2017).

Para alguns/as seguidores/as da ZH Esportes a suposta falta de habilidade técnica e tática é tomada quase como uma condição universal a todas as mulheres, pressuposto que permite críticas abertas à política de incentivo ao futebol feminino estabelecida pela Conmebol. Nesse sentido, Hector H. pontua: “Quem liga. Conmebol e suas peripécias. Sem machismo. Mas mulheres jogando futebol é tão estranho quanto se homens disputarem nado sincronizado (31/05/2017). Em acordo, Pedro B. argumenta: Não tem machismo nisso (se é que existe isso), é a realidade. O nível do futebol feminino é ridiculamente baixo. A categoria é sustentada pelo politicamente correto. Nem mesmo as mulheres assistem (31/05/2017).

Ao desconsiderar o passado de quarenta anos de interdição e a recorrente falta de incentivo que pode ser notada nas histórias de interrupções das equipes femininas do Grêmio e Internacional<sup>15</sup>, os autores dos comentários parecem tomar como “natural” lugares e práticas distintas para homens e mulheres. Esse entendimento, entretanto, é tensionado por um conjunto de outros comentários. Em 31 de maio de 2017, Evandro M. publica:

14 O Sport Club Internacional é comumente chamado pelos seus torcedores/as e mídia esportiva como: “Inter” ou “Colorado”. Já o seu rival, o Grêmio Football Porto-alegrense, é comumente identificado como: “Grêmio” ou “Tricolor”. Essas nomações estão presentes, inclusive, nos cânticos das suas torcidas e nos hinos dos clubes.

15 O Grêmio teve uma equipe de futebol de mulheres em 1983 e depois ficou inativo por 13 temporadas. Voltou a ter uma equipe no período de 1997 a 2002, e novamente encerrou os trabalhos. A sua volta acontece em 2017. Para outras informações, ver: <https://gremio.net/futebol/futebol-feminino>. Acesso em 15/06/2023. Já a equipe de mulheres do Internacional teve seus trabalhos realizados de 1983 a 1987, depois desse período ficou inativo até o ano de 1996, quando Duda Luizelli assume a coordenação. No entanto, o trabalho dura um curto período, tendo o clube ficado sem trabalhos de 2004 até o ano de 2017. Para outras informações ver: <https://www.internacional.com.br/organizacao-feminino>. Acesso em 15/06/2023.

E tu acha que os jogadores masculinos, quando surgiu o futebol profissional, jogavam do jeito que jogam hoje em dia?? O futebol hoje é resultado de mais de um século de investimento e desenvolvimento. O feminino não tem incentivo nenhum, e nunca teria se não fosse essa determinação [...]. O que está sendo plantado hoje no Brasil vai ter resultados futuros. A prática leva ao desenvolvimento.

Além da manifestação acima, outros comentários colocam em pauta o histórico de falta de investimentos e o reconhecimento das diretrizes das entidades organizadoras da modalidade como acertadas e potencialmente benéficas para o desenvolvimento do esporte. Nesse sentido, Júnior P. (15/02/2017) sinaliza: “É bom, vai ser obrigatório os times brasileiros a terem times femininos”. De modo semelhante, um usuário anônimo aponta: “[...] obviamente os clubes só estão fazendo isso por obrigação da Conmebol, mas já é um começo para incentivar [...]”.

Ao permitir manifestações dos leitores/as sobre os conteúdos publicados, mídias sociais digitais, como o Facebook, possibilitam a circulação de diferentes opiniões, uma pluralidade de ideias e indivíduos que acionam diferentes representações nesse campo de disputa por significação (Recuero, 2009). Como foi possível perceber por meio dos comentários reproduzidos anteriormente, preconceitos, chacotas e rejeições, assim como manifestações de apoio, acolhimento e incentivo disputam a atenção e buscam, além de conexão com outros usuários, gerar convencimento ou contrariedade. Nesse ambiente, ao mesmo tempo tenso e pouco previsível, dois conjuntos de comentários, por sua recorrência, tornaram-se centrais no nosso processo investigativo: o sexismo e as chacotas homofóbicas utilizados como mecanismos de desqualificação da equipe rival.

## **2 Protagonistas de fundo: quando o futebol masculino assume o papel de destaque**

Ao longo do processo de produção do material empírico, foram recorrentes as manifestações dos leitores da ZH Esportes que, a despeito da reportagem publicada abordar o futebol de mulheres, colocavam as equipes masculinas de Inter e Grêmio em lugar de destaque. As mulheres, quando não eram totalmente relegadas ou invisibilizadas, eram tomadas como mote para manifestação que intencionavam colocar na condição de risível as equipes masculinas da ‘dupla Grenal’<sup>16</sup>. Em 16 de fevereiro de 2017,

---

16 Com data atribuída ao início do século XX, a expressão *Gre-nal*, uma contração de Grêmio e Internacional, teria surgido como uma forma de reduzir os longos nomes dos dois clubes (COIMBRA, et al, 2009).

o perfil nomeado como Rodrigo R. publica a seguinte manifestação: “Quem sabe tire algumas desse peneirão e coloque no time principal dos homens”. De modo semelhante, Giliano J. e Marcos L. respectivamente questionam: “Vai fazer peneira? Mas já tem uma peneira lá na zaga, Paulão e Ernando<sup>17</sup>!” (16/02/2017). “Uma dúvida, o time do Inter vale para ambas as competições ou eles precisam montar o time masculino agora?” (10/03/2017).

Apoiados em um conjunto de representações que colocam sob suspeita a capacidade das mulheres performarem o futebol, os autores dos comentários assumem que o futebol jogado por elas se constitui como emblema de inabilidade física, técnica e tática. Cabe ressaltar que, entre fevereiro e março de 2017, momento em que os comentários acima foram publicados, as equipes ainda estavam em processo de constituição dos seus times e, uma vez que as atletas ainda não haviam disputado jogos e competições, as manifestações pareciam assumir, como pressuposto, que o futebol performado por elas era de qualidade inferior, uma condição inerente às mulheres.

Nessa dinâmica que coloca o futebol feminino como fraco e o masculino como a referência de qualidade e boa performance, associar as equipes masculinas às equipes femininas se constitui no contexto daqueles comentários como uma ofensa, uma prática jocosa que desqualifica os times nomeados como “principais”. Entretanto, se o deboche se destina ao Grêmio e ao Inter, cabe ressaltar que a zombaria recaía em especial sobre a equipe Colorada de futebol masculino.

Com uma sequência de jogos considerada “desastrosa” por torcedores e comentaristas esportivos, o Sport Club Internacional havia finalizado o Campeonato Brasileiro de 2016 entre as três equipes com pior rendimento geral do torneio. Juntamente com o Figueirense Futebol Clube e o Santa Cruz Futebol Club, a equipe masculina do Inter disputaria a chamada “série B do Brasileirão” [Campeonato Brasileiro] em 2017. Em um momento histórico para uma equipe que até então nunca havia sido rebaixada à segunda divisão, os comentários que associavam a performance insuficiente dos homens ao que historicamente se convencionou chamar futebol de mulheres dirigiam-se muito mais à equipe do Inter do que à equipe do Grêmio.

Falta de hombridade, garra e virilidade seriam atributos escassos para os atletas homens do Internacional, elementos que os aproximariam das equipes recém-formadas de futebol de mulheres do Rio Grande do Sul. Desse modo, Vandy M. seguidor da ZH Esportes, que na foto de perfil usava uma camisa oficial da equipe de Futebol do Grêmio, exclama: “Bota elas pra jogarem

17 Reconhecidos como atletas de performances arbitrárias, Paulão e Ernando compunham a zaga do time do Internacional que em 2016 foi rebaixado para a segunda divisão do Campeonato Brasileiro.

contra as gurias do Binter, já que não tem homem lá!!” (06/07/2017). De modo semelhante, Regis S. e Ezequieu P., respectivamente exclamam: “Reforço para a segunda divisão!” (15/02/2023); “[...] eu acredito mais no time feminino deles do q no masculino q tá uma bosta!!! Kkk BBB” (16/02/2023).

Assim, baseados em um conjunto de representações que produzem uma matriz de entendimento do futebol como um esporte masculino, viril e, em certa medida, violento, o corpo feminino, para os autores desses comentários, parece materializar a antítese dos valores requeridos para uma partida entendida por aqueles/as que acompanham de perto o futebol no Rio Grande do Sul, como “jogo pegado”<sup>18</sup>.

### **3 Entre deboches e ironias homofóbicas, a invisibilização das mulheres atletas de futebol**

“Gaymio”, “InternacioAnal”, “gazelas” e “moranguinhos” foram alguns dos termos que, recorrentemente, foram utilizados para se referir às mais populares equipes do futebol gaúcho. Com aproximadamente 30% do total de comentários publicados, as postagens que acionavam os mecanismos da homofobia constituíram o maior grupo de manifestações postadas pelos/as seguidores/as do ZH Esportes. Centradas na suspeição das condutas sexuais dos atletas das equipes masculina, sem se relacionar com o conteúdo das reportagens produzidas pelo grupo ZH e pouco mencionando o futebol de mulheres, esse conjunto de comentários parece ignorar as atletas e suas performances, conteúdo central das reportagens sobre as quais os comentários foram postados. Em um momento histórico de estruturação do futebol feminino no Rio Grande do Sul, a chacota homofóbica é constantemente acionada, e os times masculinos da dupla Grenal assumem o protagonismo, ainda que por meio de uma dinâmica que busca ofender a dignidade da equipe adversária.

O gaymio então terá dois times de moças, que massa.  
(Fernando F. 10/03/2017).

Internacional tudo viado. (Marvin M. 11/03/2017).

18 O ‘Jogo pegado’, segundo Myskiw e Stigger (2015) requer destrezas corporais, firmeza, disposição e empenho / doação intensa dos que entram em campo, renegando, portanto, “a condescendência frente às regras e às autoridades”. No ‘jogo pegado’, os jogadores eram constantemente convocados a “dar duro, a brigar [pela bola/ espaço]” (Myskiw; Neto; Stigger, 2015, p.894).

As Gazelinhas coloridas dos moranguinhos estão esperando elas jogarem com o Bi Caloteiro. (Beto S. C. 06/07/2017).

Vai dá o cu pras pissa gaylorado, como dizia uma amiga minha. (Josue C. 07/07/2017).

Por vezes em tom ofensivo, as chacotas ou xingamentos publicados em decorrência das reportagens acionavam especialmente a Coligay e um conjunto de anedotas homofóbicas que historicamente têm circulado na cultura do futebol gaúcho.

Reconhecida como uma das primeiras torcidas gays organizadas do Brasil<sup>19</sup>, a Coligay é constantemente mencionada pelos torcedores do Internacional como condição quase incontestável de desonra. Em 10 de março de 2017, abaixo da reportagem que traz como título “Brasileirão feminino começará neste sábado: conheça 10 curiosidades dos times da competição”, Eduardo M., sem estabelecer qualquer conexão com a matéria jornalística, faz a seguinte provocação: “Não tem mundial, foi duas vezes REBAIXADO primeiro clube com torcida organizada por gays, a (Coligay), e foi eliminado de uma competição por racismo, alguém sabe de qual clube estou falando?”

Na construção do argumento do torcedor colorado, os ‘rebaixamentos’ de 1991 e 2004 e a incompetência na conquista de um título mundial se constituem como inegável descrédito. As manifestações racistas provenientes de torcedores do clube são colocadas como tão desonrosas para a equipe quanto a existência da organização de uma “torcida gay”.

Formada em meio à ditadura militar, a Coligay<sup>20</sup> emerge como uma organização de torcedores diferente de qualquer outra existente até então, constituindo-se como marcador histórico na quebra de paradigmas no futebol gaúcho e nacional (Bandeira e Anjos, 2022; Gerchmann, 2016). Reconhecida por sua excentricidade, para os padrões de torcida, a Coligay investia na extravagância dos trajes de seus componentes e no apoio incondicional ao time por meio de “performances animadas, ininterruptas, originais e marcadas pela afeminação” (Bandeira e Anjos, 2022). A torcida que tinha fama de pé quente, foi uma das precursoras entre torcidas gays do Brasil, servindo como modelo para o surgimento de outras organizações no país, como a “Gaivotas da Fiel”, do Corinthians; a “Galo Queer”, do Atlético MG; a “Bambis do tricolor”, do São Paulo, entre outras.

19 De acordo com Anjos (2022), a despeito do nome Coligay, a torcida era constituída por diferentes sujeitos de gênero e sexualidade. Nesses termos, se a adoção do termo “torcida gay” invisibiliza parte de seus integrantes, neste texto seu uso se apoia no modo como esse coletivo é representado no material empírico em análise.

20 Segundo Gerchmann (2016), o nome Coligay surge inspirado no nome da casa noturna Coliseu, uma referência no lazer noturno da capital gaúcha.

Considerado o mais heterocentrado dos esportes (Camargo, 2014), o futebol associa-se à suposição da heterossexualidade e das masculinidades normativas como condição universal e inconteste (Anjos, 2022). A presença de uma “torcida gay” parece, portanto, ser capaz de perturbar e problematizar as pretensas noções de universalidade, unidade e estabilidade sugeridas pela heteronormatividade.

Entendida como um “sistema de verdade” (Britzmann, 1996), a heteronormatividade produz um conjunto de mecanismos que buscam ocultar as historicidades que, a partir das quais, corpo, gênero e sexualidade são produzidos. Como efeito, a sequência desse trinômio é tomada como natural, como uma verdade incontestável inscrita na natureza dos corpos. Centrada na heterossexualidade ao mesmo tempo em que regula e é regulada pelas normas de gênero (Sales e Paraíso, 2013), a heteronormatividade designa, estabelece e sistematiza as normas, bem como as zonas de normalidade nas quais as condutas devem se posicionar – processo que localiza como “anormais” os sujeitos que não correspondem a univocidade desse trinômio. Para a heteronormatividade, os sujeitos dissidentes de seu sistema devem ser expostos e anunciados como marginais, corpos sobre os quais devem incidir os mais diversos mecanismos de exclusão. Portanto, a dissidência da Coligay, reinventada nos comentários dos/as seguidores/as da ZH Esportes, funciona como mecanismo capaz de conferir centralidade às masculinidades heterocentradas nas narrativas empreendidas por torcedores colorados e tricolores.

Se as sexualidades dissidentes são necessárias e desejáveis como estratégias que reificam a heteronorma no futebol, suas presenças, entretanto, devem ser contidas e reguladas nesse espaço, sob o risco de desestabilizarem os “efeitos de verdade” produzidos pelos processos de naturalização da sequência corpo-gênero-sexualidade. No contexto dos comentários publicados na página do Facebook da ZH Esportes, a Coligay, entretanto, não parece emergir como uma ameaça ao futebol e a todas as masculinidades heterocentradas. As pistas deixadas pelos comentários indicam que a Coligay seria uma manifestação de uma moralidade masculina questionável associada especificamente ao Grêmio Football Porto-alegrense. Para os/as torcedores/as colorados/as, a falta de hombridade, virilidade e espírito de pujança, típicos da equipe tricolor, teriam produzido a Coligay como um particular inconveniente para os gremistas.

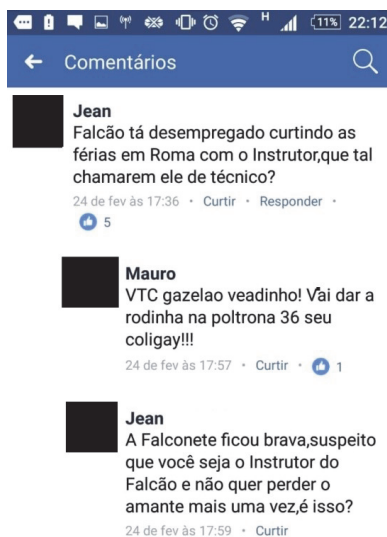
Localizada fora do binarismo sexual, a Coligay, ao transitar por diferentes marcadores de gênero e incorporar o que historicamente se reconhece como próprio das mulheres e dos homens gays, é acionada por torcedores

do Sport Club Internacional como “uma textualidade desprezível em termos de gênero e sexualidade”. Enquanto um movimento dissidente, em termos de sexualidade, a Coligay parece ser mencionada como recurso capaz de estender ao Grêmio as marcas de sua abjeção. Com intenção de atribuir superioridade ao Sport Club Internacional, cuja história não pesa a presença de “torcida gay”, a chacota homofóbica serviria para construir uma oposição entre a masculinidade virtuosa que compõe equipe e torcedores colorados e as masculinidades desmoralizadas, corrompidas e permissivas que compõem e orbitam a equipe tricolor de Porto Alegre.

De modo semelhante, anedotas homofóbicas são mencionadas como mecanismo que intenciona a humilhação e a infâmia da equipe adversária. “Poltrona 36”; “Falcão e o Instrutor de Tênis”; “Capone e Bilica”, “Tayson e Bolívar” são algumas das menções que remetem a rumores sobre práticas homoafetivas de integrantes das equipes do Internacional e Grêmio. Sem descrições detalhadas, que serviriam para informar sobre os “acontecidos”, o conjunto dos comentários parece partir do pressuposto que os enredos das historietas eram amplamente difundidos entre torcedores gremistas e colorados.

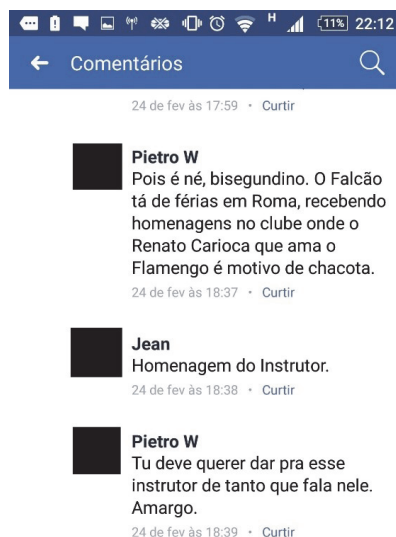
No dia 24 de fevereiro de 2017, um conjunto de manifestações são disparadas a partir da publicação de Jean J.

**Figura 4:** Anedotas homofóbicas 1



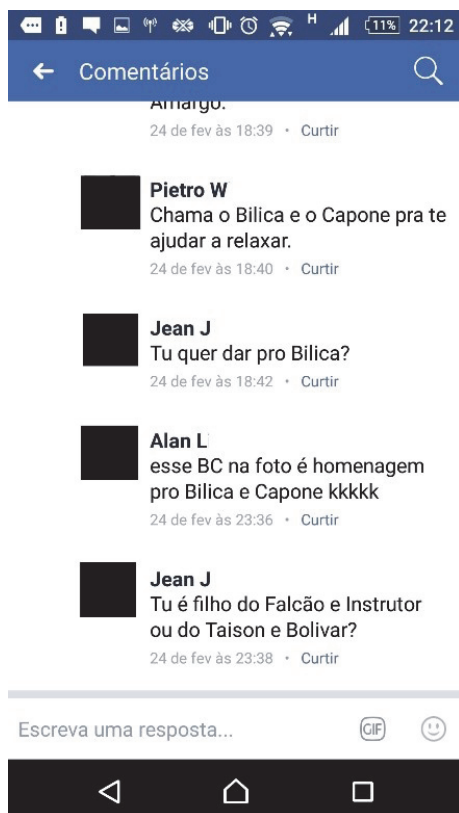
Fonte: Página da ZH Esportes no Facebook  
-24/02/2017.

**Figura 5:** Anedotas homofóbicas 2



Fonte: Página da ZH Esportes no Facebook  
-24/02/2017.

Figura 6: Anedotas homofóbicas 3



Fonte: Página da ZH Esportes no Facebook –24/02/2017.

Sem estabelecer relação com o conteúdo da reportagem intitulada “Duda, diretora do novo futebol feminino do Inter, o torcedor Jean J. avisa: “Nossa peneira não terá limite de idade”, iniciando uma discussão mediante insinuações sobre o “Falcão e o professor de tênis”, um suposto episódio que gira em torno de um possível envolvimento afetivo-sexual de um ex-atleta do Internacional com seu instrutor particular. O caso que, em 1996, ganhou repercussão nacional, teria sido “descoberto” pela ex-esposa do jogador e se consagrado como uma das mais repetidas anedotas que visam difamar a equipe do Inter. Considerado um dos mais destacados atletas do time colorado, Falcão teria tido bastante sucesso em temporadas do futebol italiano. Largamente conhecido como Rei de Roma, a difamação que pesa sobre seu suposto envolvimento homoafetivo teria lhe concedido outro título, o de “Rainha”<sup>21</sup>.

<sup>21</sup> A historieta conhecida como “Falcão e o instrutor de tênis” é contada pela torcida do Grêmio por meio do cântico “O Falcão gay”.



Em tom de revanche, menções à “poltrona 36” aparecem no comentário de Mauro W. como forma de desviar o foco e equilibrar o jogo de zombaria homofóbica. O caso em questão teria acontecido em 2004 e protagonizado por dois ex-atletas flagrados em manifestações afetivo-sexuais no então ônibus da delegação do Grêmio, na poltrona 36 (Pires, 2020). Segundo histórias que orbitam no contexto do futebol gaúcho, o receio da “Poltrona 36” teria levado os dirigentes do Internacional a solicitarem a retirada dos números 35 e 36 da sequência de assentos de seu ônibus oficial. Ainda que tenham negado que o motivo de tal exclusão se relacione com o escândalo em torno do ônibus do grêmio<sup>22</sup>, um conjunto de outras interpretações emergiram desse fato.

Na sequência, “Tayson e Bolivar” são citados por Jean J. como mais um caso capaz de produzir desconforto e afirmar a virilidade e honradez da equipe tricolor. Numa viagem de São Paulo para a Cidade do México, a delegação do Internacional teria sido filmada em voo por um cinegrafista da emissora RBS de televisão, registro que teria focado o jogador Tayson dormindo enquanto segurava o braço e apoiava a cabeça no ombro do companheiro de equipe, Bolivar. A cena, tida como demasiadamente afetiva e incomum para homens que buscam construir em torno de si uma representação heterocentrada, foi logo tomada como manifestação homoafetiva capaz de sugerir um relacionamento homoerótico entre os atletas do Internacional.

Seja por meio das anedotas homofóbicas ou menções à Coligay, os/as seguidores/as da ZH Esportes fazem funcionar mecanismos de uma tecnologia que evidenciam diferenças e reforçam hierarquias de gênero e sexualidade. A ‘chacota’ posta em funcionamento intencionava disparar mais do que a pretensa risada inocente, colocava em evidência as fronteiras do que é adequado e inadequado para homens vinculados ao futebol. Assim, reificava e repetia, por meio da zombaria, o que seria ‘essencial’ para as masculinidades entendidas como respeitáveis, direcionar os desejos e as práticas sexuais-afetivas para o sexo oposto.

Ao tomar algumas masculinidades como risíveis, a “tecnologia da zuação” (Sales e Paraíso, 2013) se apoia em critérios de comparação dos sujeitos, estabelecendo e reiterando as prerrogativas das masculinidades heterocentradas. Nesse processo, condutas de gênero e sexualidade funcionam como elemento central, base da qual as masculinidades são hierarquizadas no futebol. A ironia, o deboche, o sarcasmo e o repúdio, emergem nos comentários dos torcedores, quando homens associados à determinada equipe não atentam aos limites estabelecidos pela heteronorma.

22 Para outras informações, indica-se: <http://diariogaucha.clicrbs.com.br/rs/noticia/2009/03/piffero-esclarece-polemica-sobre-poltrona-36-2451489.html> Acesso em 04/06/2023.

A tecnologia da ‘zoação’, manifesta nos comentários dos/as seguidores/as da ZH Esportes parece estabelecer um regime de “vigilância” sobre as práticas e as condutas daqueles associados ao time adversário. Dessa forma, qualquer possível “deslize”, em termos de gênero e sexualidade, torna-se instrumento destinado ao ataque da dignidade, virtude e glória do time rival. Apoiada nos regimes de verdade da heterossexualidade, a ‘zoação’ compõe “um regime regulatório e excludente que, por meio de práticas cotidianas e minuciosas, prescreve e determina no detalhe as condutas masculinas.” (Silva, *et al.*, 2021, p. 07).

Menções constantes à Coligay e às anedotas homofóbicas parecem, portanto, se constituir como condição de alguns torcedores que, entre ataques ao time adversário e defesas abertas à honra de sua equipe, conferem a si mesmos a prerrogativa de evidenciar, por meio da zombaria, aqueles que não correspondem às expectativas de gênero e sexualidade. Cabe ressaltar que as masculinidades normatizadoras associadas ao futebol encontram respaldo em diferentes setores da sociedade, que naturalizam a ocorrência da homofobia (Bandeira e Seffner, 2013), que funciona como um tipo de pedagogia de gênero que, ao se manifestar, produz o outro / dissidente enquanto sujeito que deve ser corrigido e/ou punido.

Nesse processo que busca ofender a dignidade dos adversários e rebaixá-los a uma condição masculina tomada como inferior, as mulheres atletas de futebol, elemento central das reportagens em que esses comentários foram produzidos, foram invisibilizadas. Nas categorias com maior número de comentários produzidas a partir do material empírico, as mulheres foram secundarizadas, quando não foram apagadas do contexto. A ironia e o deboche homofóbicos produziram no interior do debate sobre honra e masculinidade no futebol lugares de destaque para as equipes masculinas de Inter e Grêmio, mesmo que por meio da ‘zoação’ que buscava desqualificá-las. Como protagonistas de fundo, as mulheres, os esforços no processo de constituição de equipes femininas e a cobertura de seus jogos e campeonatos foram ofuscados pela tensão da zombaria homofóbica manifestada por meio de menções à Coligay e a um conjunto de anedotas que circulam em torno do futebol gaúcho. Por vezes, negligenciadas, por vezes totalmente ignoradas, as mulheres do futebol e suas equipes, ao serem colocadas à margem do debate sobre o futebol por torcedores/as seguidores/as da ZH Esportes no *Facebook*, demandam outros tipos de investimentos para que suas performances sejam reconhecidas, evidenciadas e valorizadas.

## 4 Considerações finais

Entre janeiro e outubro de 2017, as reportagens que tematizaram o futebol de mulheres produziram como efeito um conjunto de comentários de seguidores/as da página do ZH Esportes na rede social *Facebook*. Ao longo de processo de captura e análise dos comentários, foi possível perceber diferentes modos de manifestação sobre a estruturação das equipes de Grêmio e Inter, bem como da divulgação de seus resultados nos jogos e competições.

De forma recorrente, as equipes masculinas, ora do Internacional, ora do Grêmio, tiveram suas habilidades físicas, técnicas e táticas comparadas às das mulheres atletas das equipes em formação. Apoiados em concepções que tomam a biologia dos corpos femininos como menos aptos e, portanto, fadados a entregarem um futebol de qualidade inferior, os/as seguidores/as da ZH Esportes, com vistas à intenção de desqualificar a equipe adversária, sugeriam, de forma recorrente a incorporação de atletas mulheres ao time “principal” de homens.

De modo similar, as chacotas homofóbicas ao acionarem a Coligay e as anedotas que circulam no futebol gaúcho intencionavam a infâmia e a desonra do time rival. Em meio a um mecanismo nomeado como “tecnologia da zoação”, normas de gênero e sexualidade foram colocadas em funcionamento por esses comentários como mecanismo capaz de estabelecer uma hierarquia entre as equipes. A dignidade nesse contexto parece girar em torno da hombridade, virilidade e pujança manifestas na performance esportiva e principalmente nas condutas sexuais heterocentradas.

Assim, em meio a críticas e incentivos ao futebol de mulheres, as chacotas misóginas que usavam o futebol de mulheres para desqualificar o futebol de homens, bem como as chacotas homofóbicas que sequer citavam as mulheres e o futebol por elas performado, foi possível perceber um contexto de negligência e invisibilidade das mulheres, principalmente porque elas se constituíram como motivo central das reportagens publicadas pela ZH Esportes. Como protagonista de fundo, como coadjuvante de um debate no qual deveriam ser elemento central, o futebol de mulheres foi menosprezado, negligenciado, quando não, ignorado.

Portanto, tratando-se de um país como o Brasil, onde o futebol é incansavelmente citado como identidade nacional, torna-se necessário pensar o quanto este ainda é, para as mulheres, um espaço não apenas a conquistar, mas, sobretudo, a ressaltar alguns dos sentidos que a ele estão incorporados de forma a afirmar que esse espaço também é delas.

## Referências

ALMEIDA, Caroline Soares de. O Estatuto da FIFA e a igualdade de gênero no futebol: histórias e contextos do Futebol Feminino no Brasil. **FuLiA/UFMG**, v. 4, n. 1, p. 72-87, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.17851/2526-4494.4.1.72-87>. Acesso em: 14 maio. 2024.

ANJOS, Luiza Aguiar dos. **Plumas, arquibancadas e paetês**: Uma história da Coligay. Santos: Dolores Editora, 2022. v.1. 495p.

BANDEIRA, Gustavo Andrada; ANJOS, Luiza Aguiar dos. A Coligay dentro da pedagogia do torcer: Coligay within pedagogy of cheering. **Revista Desenvolvimento Social**, Montes Claros, v. 28, n. 1, p. 8-29, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.46551/issn2179-6807v28n1p8-29>. Acesso em: 14 maio. 2024.

BANDEIRA, Gustavo Andrada; SEFFNER, Fernando. Futebol, gênero, masculinidade e homofobia: Um jogo dentro do jogo. **Espaço Plural**, Marechal Cândido Rondon, v. 14, n. 29, p. 246-270, 2013. ISSN: 1518-4196. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=445944242012>. Acesso em: 14 maio. 2024.

BRITZMAN, Deborah. O Que é Essa Coisa Chamada Amor: identidade homossexual, educação e currículo. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, v. 21, n. 1, p. 71-96, jan./jun. 1996. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10183/232048>. Acesso em: 14 maio. 2024.

BUTLER, Judith. Regulações de gênero. **Cadernos pagu**, Campinas, n.42, p. 249-274, 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0104-8333201400420249>. Acesso em: 14 maio. 2024.

CAMARGO, Wagner Xavier. Sexualidades em foco: um debate via Ciências Humanas. **Cadernos de Pesquisa Interdisciplinar em Ciências Humanas**, Florianópolis, v. 15, n. 106, p. 235-242, 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.5007/1984-8951.2014v15n106p235>. Acesso em: 14 maio. 2024.

CAMARGO, Wagner Xavier. Dilemas insurgentes no esporte: as práticas esportivas dissonantes. **Movimento**, Porto Alegre, v. 22, n. 4, p. 1337-1350, 2016. ISSN: 0104-754X. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=115349439023>. Acesso em: 14 maio. 2024.

COIMBRA, David et al. **A História dos Grenais**. Porto Alegre: L&PM, 2009.

DANTAS, Marina de Mattos; ANJOS, Luiza Aguiar. Futebol e Mulheres no Brasil: Apontamentos sobre a produção acadêmica a partir de teses e dissertações (1980-2016). In: KESSLER, Claudia; COSTA, Leda; PISANI, Mariane. (Org.).

**As mulheres no universo do futebol brasileiro.** 1Ed. Santa Maria: Editora UFSM, 2020, v.1, p.339-355.

GERCHMANN, Leonardo. **Depoimento de Leonardo Gerchmann:** Projeto Garimpando Memórias. Porto Alegre: Centro de Memória do Esporte – ESEFID/UFRGS, 2016.

GOELLNER, Silvana Vilodre. **Mulheres e futebol no Brasil:** entre sombras e visibilidades. Revista Brasileira de Educação Física e Esporte, São Paulo, v. 19, n. 2, p. 143-151, 2005. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1807-55092005000200005>. Acesso em: 14 maio. 2024.

LAQUEUR, Thomas; WHATELY, V. **Inventando o sexo.** Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

MYSKIW, Mauro; NETO, Flávio Py Mariante; STIGGER, Marco Paulo. Jogando com as violências no esporte de lazer: notas etnográficas sobre o ‘guri’ e o ‘nego véio da várzea’. **Movimento**, Porto Alegre, v. 21, n. 4, p. 889-902, 2015. `ISSN: 0104-754X. Disponível em: ` <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=115343227004>. Acesso em: 14 maio. 2024.

NICHOLSON, Linda. Interpretando o gênero. **Revista estudos feministas**, Florianópolis, v. 8, n. 02, p. 09-41, 2000. Disponível em: <[http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-026X2000000200002&lng=pt&nrm=iso](http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2000000200002&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: `14` maio.` 2024.

NOVAIS, Mariana Cristina Borges et al. Women’s football coaches and assistant coaches in Brazil: subversion and resistance in sports leadership. **Movimento**, Porto Alegre, v. 27, p. e27023, 2021. DISPONÍVEL EM: <https://doi.org/10.22456/1982-8918.106782>. Acesso em: 14 maio. 2024.

PINSKY, Carla Bassanezi. Imagens e representações 2: A era dos modelos flexíveis. In: PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria. (Org.). **Nova História das mulheres.** São Paulo: Contexto, p. 513-543, 2012.

PISANI, Mariane. Gênero: Um conceito útil para a análise esportiva e futebolística. In: KESSLER, Claudia; COSTA, Leda; PISANI, Mariane. (Org.). **As mulheres no universo do futebol brasileiro.** 1Ed. Santa Maria: Editora UFSM, 2020, v.1, p.356-374.

RECUERO, Raquel. Redes Sociais na Internet, Difusão de Informação e Jornalismo: Elementos para discussão. In: SOSTER, Demétrio de Azeredo; FIRMINO, Fernando. (Org.). **Metamorfoses jornalísticas 2: a reconfiguração da forma.** Santa Cruz do Sul: UNISC, 2009.

RIOS, Roger Raupp. O conceito de homofobia na perspectiva dos direitos humanos e no contexto dos estudos sobre preconceito e discriminação. In:

RIOS, Roger Rauupp (Org.) **Em Defesa dos Direitos Sexuais**, Livraria do Advogado, Porto Alegre, 2007.

SALES, Shirlei Rezende; PARAÍSO, Marlucy Alves. O jovem macho e a jovem difícil: governo da sexualidade no currículo. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 38, p. 603-625, 2013. DISPONÍVEL EM: <https://www.scielo.br/j/edreal/a/rtrPvCvFNg4nFRtp7tSRxhD/>. Acesso em: 14 maio. 2024.

SILVA, André Luiz dos Santos; NAZÁRIO, Patrícia Andrioli. Mulheres atletas de futsal: estratégias de resistência e permanência no esporte. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 26, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1806-9584.2018v26n140862>. Acesso em: 14 maio. 2024.

SILVA, André Luiz dos Santos *et al.* “Isso é Cris Ronaldo”: representações de masculinidade na Copa do Mundo da Folha de S. Paulo. **Educación Física y Ciencia**. La Plata, Argentina. v. 23, n. 1, e163, (2020), p.1-11, 2021. ISSN 2314-2561. Disponível em: <https://doi.org/10.24215/23142561e163>. Acesso em: 14 maio. 2024.

SCOTT, Joan. **Gênero**: uma categoria útil de análise histórica. *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v. 20, n. 2, 2017. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/71721>. Acesso em: 14 maio. 2024.

YIN, Robert K. **Pesquisa qualitativa do início ao fim**. Penso Editora, Porto Alegre, 2016.

Recebido em outubro de 2023.

Aprovado em julho de 2024.